

# AS FONTES E IMPLICAÇÕES DA QUESTÃO DA IDEOLOGIA EM PAUL RICOEUR\*

**Marcelo Felix TURA**  
CAPES/PUC-Campinas

## RESUMO

O objetivo deste texto é lançar uma luz adicional à discussão concernente à questão da ideologia em Ricoeur. Em segundo lugar, discutimos as fontes e implicações desta questão em Ricoeur. Ademais, o texto pretende ser uma contribuição para esclarecer as implicações do fenômeno ideológico. A fenomenologia hermenêutica, como método de análise filosófica, é empregada como caminho para facilitar tal meditação, ao modo de Ricoeur.

Finalmente, de acordo com Ricoeur, concluímos que ideologia não é só um fenômeno estritamente ligado à distorção da realidade social. É também instrumento de integração social. Ideologia é um fenômeno insuperável, de tal forma que não existe lugar não-ideológico através do qual se possa analisar a ideologia.

## ABSTRACT

The purpose of this paper is to shed some additional light on the discussion concerning ideology in Ricoeur. As a secondary aim,

---

<sup>(\*)</sup> Este texto é um resumo de dissertação apresentada em Filosofia Social da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

we discuss the main sources and implications of this question in Ricoeur. Moreover, this paper is supposed to be a contribution to overcome a common and insufficient sense embodied in the ideological phenomenon. The phenomenological hermeneutic, a method of philosophical analysis, is employed as a way to facilitate the meditation in a Ricoeur fashion.

Finally, according to Ricoeur, we conclude ideology is not only a phenomenon strictly linked to a distortion of social reality. It is also related to society's power and integration, which in fact changes our way to understand the entire world. The ideology is an endless and unsolvable phenomenon, since there is no ideological place which makes one able to talk about ideology.

## 1. INTRODUÇÃO

Ante a tendência contemporânea da Filosofia que é a preocupação com a prática, nós, neste artigo, procuramos fazer reflexão sobre o conceito de ideologia em Paul Ricoeur.

O nosso intento é dar subsídios teóricos para que possamos refletir sobre a prática social e política, visando torná-la mais eficaz e dar respostas aos problemas de nossa época.

Queremos destacar a importância de Paul Ricoeur para a Filosofia Social e para a Ética, pela fecundidade e profundidade de seu pensamento, além de sua erudição, demonstrada na discussão dos temas a partir da tradição filosófica.

## 2. HISTÓRICO DO CONCEITO DE IDEOLOGIA

Seguindo os passos da hermenêutica de Ricoeur, faremos um histórico do conceito de ideologia, onde destacamos sua origem, significado e definições.

O termo foi criado por Destutt de Tracy para designar a ciência que tem por objetivo o estudo das idéias, as suas caracterís-

ticas, as suas leis, a sua relação com os signos que a representam e sobretudo a sua origem. Posteriormente, o termo adquire outros significados em outros pensadores, dos quais podemos destacar Augusto Comte e Émile Durkheim.

As abordagens encontradas nos dicionários de Filosofia nos apresentam a ideologia como ocultamento da realidade social, com o sentido de mascaramento ou deformação, designando assim uma representação falseada do mundo, imposta pela classe dominante para fazer valer o seu próprio interesse, em detrimento da classe dominada. Percebemos, a partir de Ricoeur, que esta é uma interpretação redutora do fenômeno ideológico, apresentando-o somente de um modo negativo.

Devemos, então, aprofundar a reflexão a respeito do fenômeno, até encontrarmos sentidos mais profundos e uma visão mais ampla; é o que nos propõe Ricoeur. Existe uma longa história a respeito da suspeita da falsa consciência, de que o marxismo constitui apenas um elo.

O próprio Ricoeur nos apresenta em seu livro **Ideologia e Utopia**, um pequeno histórico a respeito da questão da ideologia. Este histórico inicia-se com os ideólogos ou doutrinários (filósofos políticos denominados assim por serem opositores ao Império Napoleônico); depois nos mostra a existência de dois Marx: o jovem Marx, humanista, dos livros: **Manuscritos Econômicos e Filosóficos** e **Ideologia Alemã**; e o Marx adulto, clássico, do livro **O Capital**, preocupado com as estruturas econômicas da sociedade.

O jovem Marx, ao elaborar o conceito de ideologia, faz uma crítica ao idealismo, que defende que as idéias tendem a surgir como uma realidade autônoma, separadas do processo da vida e do processo do trabalho comum.

O Marx clássico, o conceito de ideologia adquire o sentido de **conhecimento**, em oposição à **ciência**. A partir de então, o conceito de ideologia desenvolve-se na Escola de Frankfurt, como

crítica à Sociologia Positivista; e na corrente filosófica denominada **marxismo estruturalista**, que tem como principal representante Louis Althusser.

Ricoeur, a partir da leitura do livro **Ideologia e Utopia** de Mannheim, que discute a questão da ciência e da ideologia, procura examinar funções mais radicais da ideologia do que somente a função de distorção ou dissimulação da realidade. Então Ricoeur recorre à análise do uso da autoridade feita por Max Weber para mostrar a função de integração da sociedade, garantindo a identidade dos grupos na mesma.

Podemos dizer que, para Ricoeur, todo o pensamento moderno tornou-se interpretação, e uma questão essencial é a da ilusão. A filosofia de Ricoeur é uma reflexão que visa a desmistificação das ilusões do sujeito, colocando em dúvida a certeza imediata do cogito cartesiano, mostrando que em vez desta, temos uma falsa certeza inicial. A partir daí, afirma que compete ao filósofo moderno decifrar hermeneuticamente os signos e as ideologias.

A tarefa da filosofia contemporânea é fazer a crítica das ideologias, que tem como ponto de partida uma compreensão do homem, implicando numa crítica das ilusões do sujeito, e como ponto de chegada o encontro entre a Ética e a Política, implicando no estabelecimento, nas sociedades, do estado de direito, na equidade quanto à distribuição dos bens e na justiça social.

O fenômeno ideológico atual é resultado de uma sociedade pós-industrial, no que diz respeito à dissimulação da realidade, ocasionando grandes conflitos na tentativa de se dar respostas à crise das sociedades industrializadas. No Brasil, que é um país em vias de desenvolvimento, temos conflitos provocados por ideologias que tentam defender a manutenção de uma sociedade pré-industrial; outras defendem a instauração e implemento de uma sociedade industrial; e também outras que apontam os problemas de uma sociedade já industrializada.

### 3. AS FONTES DO CONCEITO DE IDEOLOGIA EM RICOEUR

Vamos refazer, de maneira sucinta, o caminho percorrido por Ricoeur no seu livro **Ideologia e Utopia**, na reconstrução do conceito de ideologia, a partir de conceitos de Marx, Althusser, Mannheim, Weber, Habermas e Geertz.

Ricoeur parte do sentido aparente para chegar ao sentido fundamental da ideologia, enfatizando três funções da ideologia: primeira, a dissimulação da realidade; segunda, a de legitimação da autoridade; terceira, a de integração social.

Percebemos que análise de Ricoeur não é simplesmente uma discussão de conceitos de autores da História da Filosofia, mas é uma abordagem original, onde ele analisa alguns conceitos da tradição filosófica e constrói um novo conceito de ideologia.

A análise de Ricoeur parte de Marx, ou seja, da concepção mais comum e aparente do fenômeno ideológico: a dissimulação da realidade, sublinhando a oposição entre a ideologia (plano ideal) e a prática (plano real); passando por Althusser e sua abordagem estruturalista sobre o marxismo, sublinhando a oposição entre ciência e ideologia.

Como ponto de viragem, Ricoeur utiliza a abordagem de Mannheim a respeito do fenômeno ideológico, mostrando-nos que não existe um lugar neutro, científico, para se falar da ideologia. Portanto, não podemos separar a ideologia da ciência; todo o conhecimento a respeito da realidade é afetado pela ideologia.

Em Weber, Ricoeur procura uma nova abordagem a respeito do fenômeno ideológico, apontando-nos a segunda concepção da ideologia: a legitimação da autoridade. Para ele, existe uma diferença entre a pretensão de quem exerce o poder com a própria legitimidade do poder, o que ele chama de *mais-valia política*. A ideologia mascara esta diferença.

Continuando a sua análise, o filósofo francês percebe a necessidade de se fazer a crítica das ideologias, pelo fato desta sempre estar ligada ao poder. Utiliza para isto conceitos de Habermas, fazendo uma aproximação entre a crítica das ideologias e a psicanálise.

Após submeter a ideologia ao crivo da crítica, Ricoeur, fundamentando-se em Geertz, nos aponta a terceira característica da ideologia: a integração da sociedade. Para além da dissimulação e da legitimação, a ideologia possui a função de manter a identidade e integrar os grupos que compõem a sociedade.

Para Ricoeur existe uma relação dialética entre as ciências sociais e a ideologia, e que a separação entre ambas é descabida. Para ele, existe uma ligação entre a ideologia e os conflitos nas sociedades contemporâneas, reafirmando a necessidade de novas abordagens e novos caminhos para a mediação dos conflitos nas sociedades pós-industriais.

#### **4. OBJEÇÃO À ABORDAGEM DE RICOEUR**

Ante a questão da fundamentação da Filosofia, tem-se levantado uma objeção à abordagem de Ricoeur a respeito do fenômeno ideológico. Nesta perspectiva, a ideologia afeta todo o conhecimento da realidade, não havendo um lugar não ideológico de onde se possa falar da ideologia. Costuma-se afirmar que a Filosofia e a Ciência, principalmente as Ciências Sociais, são ideológicas. Ora, a ideologia, em seu sentido mais forte é vista, predominantemente, como sinônimo de ocultamento e dissimulação da realidade. Logo, a Ciência e a Filosofia também ocultam e dissimulam a realidade; e a teorias filosóficas e científicas não são rigorosas e não estão comprometidas com a verdade.

Esta objeção nos coloca a questão da neutralidade científica e a necessidade de uma distinção entre Filosofia e ideologia. A reflexão filosófica de Ricoeur nos responde à esta objeção.

A preocupação fundamental de Ricoeur é evitar uma reflexão total da realidade, para não cairmos num discurso monolítico e em uma verdade absoluta. Por isso, ele se posiciona contra a neutralidade científica proposta pelo método positivista e funcionalista de pesquisa, segundo o qual a ciência deve ser objetiva, passível de observação e controle, sem interferências do sujeito.

Por outro lado, segundo o filósofo, a direção contrária pode levar-nos a assumir uma posição relativista na pesquisa científica, caindo num pleno historicismo, tornando os seus resultados sem validade universal.

Para Ricoeur, uma posição mais segura e objetiva para se fazer Ciência e Filosofia, somente é possível após um processo de crítica das ilusões do sujeito, através da hermenêutica dos símbolos que medeiam a compreensão da realidade.

Então, segundo Ricoeur, a tarefa da Filosofia é desvendar o sentido do real, escapando à distorção ideológica e utópica. Isto somente será obtido no final de um processo de investigação e não no seu início.

Para alcançar esse objetivo, o filósofo francês propõe uma via longa, a hermenêutica da compreensão histórica. Esta via estabelece uma instância crítica entre a pré-compreensão da realidade e o preconceito, através do distanciamento da pertença, da crítica das ideologias e da crítica das ilusões do sujeito.

Podemos afirmar que todo o saber está fundamentado em interesses, e por isso é passível de manipulação, de dominação e de distorção na sua comunicação. É tarefa da Filosofia denunciar a manipulação, a dominação e a distorção da comunicação, pois estas produzem ilusões no sujeito.

Ricoeur está comprometido com o projeto de emancipação do homem através de um processo de crítica, mas também nos adverte que precisa nos assumir a nossa condição histórica. Não existe uma crítica radical que rompa totalmente com o fundo de pertença que a fundamenta.

A ideologia está ligada à não-compreensão correta da realidade e aos interesses. Ela possui alguns traços características: violência do discurso, dissimulações e desvios na explicação das causas.

A ideologia transforma o conhecimento em um sistema de crenças. Ora, toda boa investigação científica desenvolve-se através de um sistema racional, onde a preocupação fundamental é a verdade. Mas o pesquisador movido por interesses não separa razão de crença em sua investigação.

A crítica das ideologias tem o interesse pela emancipação, ou seja, pelo restabelecimento da comunicação sem entraves e sem limites, através da formação de um consenso. O consenso não é estabelecido previamente; pelo contrário, no ponto de partida temos uma comunicação interrompida.

Ricoeur estabelece uma dialética entre a ideologia e a Filosofia, sem identificar uma com a outra, mostrando-nos a proximidade entre ambas e que é tarefa da Filosofia fazer a crítica das ideologias.

Em Ricoeur, a ideologia adquire dois novos sentidos: o de legitimação do poder e o de integração social, que aprofundam e ampliam o nosso entendimento a respeito do fenômeno. Não podemos somente considerar o sentido negativo da ideologia, mas devemos também considerar o seu sentido positivo, aproximado ciência e ideologia.

Ao discutir a questão da neutralidade científica, Creusa Capalbo, no artigo publicado na **Revista Brasileira da Filosofia**, apresenta-nos a hermenêutica de Ricoeur como contrária a posição positivista, que defende a neutralidade científica. Segundo ela, Ricoeur procura, por um lado, a manifestação e a restauração do sentido, que nos é dirigido sob forma de mensagem; por outro, sentidos mais profundos, ultrapassando os sentidos manifestos, apontando as ilusões do sujeito<sup>1</sup>.



Podemos afirmar que a neutralidade científica não é possível para Ricoeur, pois o rigor científico somente será alcançado após o restabelecimento do sentido do real, através de um processo de crítica das ilusões do sujeito.

Para o filósofo francês, a ideologia e a utopia são expressões do imaginário social. A ideologia é o pólo oposto da utopia; somente podemos fazer a crítica das ideologias através da utopia. A ideologia é conservadora: procura manter o sistema de poder, enquanto a utopia é revolucionária: procura subverter a ordem estabelecida<sup>2</sup>.

A utopia fecha o círculo hermenêutico da abordagem a respeito da ideologia, pois é o seu limite, ou seja, a abordagem da ideologia nos remete à utopia e vice-versa.

A abordagem da utopia em Ricoeur merece um tratamento sistemático, profundo; não cabe fazê-lo diretamente em nosso trabalho atual, pois o circunscrevemos ao estudo do fenômeno da ideologia. Uma abordagem mais profunda do fenômeno utópico poderá ser feita num trabalho ulterior.

## 5. CONCLUSÃO

Para Ricoeur a filosofia é "a apropriação do nosso esforço por existir e de nosso desejo de ser, através das obras que testemunham esse esforço e esse desejo"<sup>3</sup>. Ele entende a Filosofia como uma reflexão crítica feita às obras, aos atos, que são os signos da existência, onde o **cogito** somente é reapropriado mediante a decifração dos documentos de sua vida.

Nosso texto não esgota todas as implicações a respeito da abordagem de Ricoeur da questão da ideologia. Assim enfatizamos as fontes em que o autor se apoia, apenas mencionando, brevemente, uma nova perspectiva ética surgida em sua abordagem: a afirmação da vida boa com os outros em instituições justas, presente nos seus livros: **O si mesmo como um outro, Do texto à ação.**

Queremos sublinhar a importância de uma abordagem hermenêutica no campo da Filosofia Social.

Percebemos nos escritos do autor algumas das características do método hermenêutico: procurar o sentido mais profundo da realidade; comparar abordagens e conceitos da tradição filosófica; explicitar os novos conflitos presentes nas sociedades contemporâneas; submeter as diferentes abordagens ao crivo da crítica; procurar uma perspectiva mais abrangente a respeito dos fenômenos sociais, que ultrapasse os conflitos das interpretações.

O projeto filosófico de Ricoeur caminha na direção de uma maior aproximação entre o sujeito com o real, procurando encontrar respostas para os problemas existenciais que a realidade histórica lhe propõe. Ele procura sentidos mais profundos que afetam a existência do sujeito no mundo, para isto propõe uma hermenêutica dos símbolos que compõem a realidade do sujeito e do mundo, como um texto que tem que ser decodificado e interpretado.

Para Ricoeur, o sentido do real é algo construído historicamente pela experiência dos sujeitos, mediado pelo contexto social, político, econômico e cultural. O sentido não é dado a partir da simples constatação do real pelo sujeito, mas é construído ao longo da histórica. Existe uma historicidade do sentido, que nos é transmitida pela tradição cultural.

O caminho para uma melhor compreensão do real é longo. As certezas iniciais do cogito cartesiano e um correto uso dos signos da linguagem não são suficientes para nos apontar como o real é constituído. É necessário um processo psicanalítico, ou seja, uma análise do interior do sujeito, para que possamos explicar os condicionamentos não-rationais do processo de conhecimento, ampliando o conceito de razão.

Interpretar o real é um tarefa difícil e constante, tendo que ser refeita a todo momento. O rigor dos métodos científicos se dilui, sob o impacto do contexto social, histórico, político, econômico e nos condicionamentos psicológicos do sujeito.

Fazer Filosofia torna-se por isso um processo interminável de crítica e de interpretação, pois o conhecimento do real é falível.

As posições contidas nas obras de Ricoeur são altamente inovadoras, aproximando a reflexão filosófica do mundo real, a partir da tradição filosófica e de uma interpretação da ação do sujeito.

A aproximação do filósofo francês com a psicanálise, principalmente freudiana, abre um campo de estudo muito vasto e novo para a Filosofia.

Muitas das abordagens de Ricoeur nos remetem a Jung. Podemos citar como exemplo o enfoque dado por Ricoeur ao imaginário social, que pode nos remeter ao tema do inconsciente coletivo em Jung. Um exame da aproximação possível entre eles exigiria um estudo comparativo das posições de ambos, que só assinalamos, aqui.

Queremos nos colocar a favor das posições de Ricoeur no que diz respeito a questão da ideologia, pois, até o presente, não encontramos posições filosóficas mais lúcidas e mais sólidas do que as suas.

O enfoque de Ricoeur a respeito da questão da ideologia nos revela a ligação existente entre o conhecimento, o poder e a ideologia. Podemos afirmar que o fenômeno ideológico é inerente ao processo de conhecimento humano.

A contribuição do filósofo francês a respeito da questão da ideologia, ao nosso entender, é que o fenômeno ideológico não está relacionado apenas com o fenômeno econômico, mas também com o fenômeno político, social e cultural. A ideologia não surge somente com o processo de dominação de uma classe social sobre as outras, mas é fruto das relações de poder que os homens mantêm na sociedade.

Podemos afirmar, então, que o fenômeno ideológico é interminável e inevitável, pois não é possível uma posição não-ideológica para se falar da ideologia.

Para concluir, queremos dizer que as abordagens a respeito da ideologia, encontradas principalmente em livros didáticos, precisam ser revistas. Alguns temas necessitam de uma nova abordagem, por exemplo: a ideologia do trabalho, ideologia e propaganda, ideologia e meios de comunicação social, a ideologia contida nos textos didáticos, a contra ideologia. Precisamos procurar sentidos mais profundos para o fenômeno ideológico e para os temas afins.

## NOTAS

- (1) Creusa CAPALBO. **Revista Brasileira de Filosofia**. vol. XLI, 1993. p. 295  
 (2) Cf. Paul RICOEUR. **Ideologia e Utopia**. p. 425-525.  
 (3) P. RICOEUR. **O Conflito das Interpretações**. p. 19.

## BIBLIOGRAFIA

- CAPALBO, Creusa. A questão da neutralidade científica. **Revista Brasileira de Filosofia**. v. XII, 1993. p. 293-298.
- RICOEUR, Paul. **História e Verdade**. R. de Janeiro: Forense, 1968. (trad. F. A. Ribeiro).
- \_\_\_\_\_. **O Conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Rio de Janeiro: Imago, 1978. (Trad. Hilton Japiassu).
- \_\_\_\_\_. **Ideologia e utopia**. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70. (organizado por George H. Taylor).
- \_\_\_\_\_. **Do texto à acção. Ensaio de Hermenêutica II**. Porto: Rés Editora, Ltda.
- \_\_\_\_\_. **Do si-mesmo como um outro**. Campinas: Papyrus, 1991. (trad. Lucy Moreira César).